

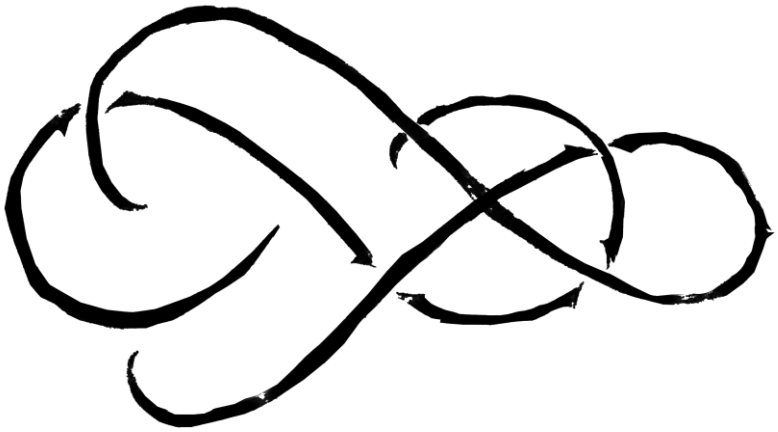
Infinito

Bernardo Procciutto

DEDICADO A

Ana, Adriele, Tailena, David, Ingrid Victória, Carla, Felipe, William, Layane, Rafael, Lucas, Victor, Joanne, Clarence, Gigi, Marluce, Emma, Wlance, Raquel, Lílian, Geovana, Leonardo e Regina, que me inspiraram e ajudaram a criar essa história. Além do eterno Heath Ledger.

Obrigado



Há um tempo atrás

09/25/2013 09:58

— Potenciação, Radiciação e Equações de Segundo Grau, são os assuntos da nossa segunda avaliação parcial de matemática do terceiro ciclo.

O sinal para o intervalo toca, a professora — que tem muitos boatos ruins sobre ela — sai e eu volto a ser o antissocial de sempre, já que as pessoas só se aproximam de mim porque sou um dos melhores da classe.

Amigos mesmo só Harry, Kathlyn, Jessie, Charlie, Tessie, Clarie e Ana. Esses me acompanham desde que entrei aqui, cada um já viveu um relato estranho comigo, como naqueles filmes onde alguém morre e a cada parte do filme um ponto de vista é abordado.

Hoje foi o dia mais esquisito de todos para mim... por enquanto, eu acho e espero. Eu estava indo para o meu refúgio, a Biblioteca, ler o novo livro que ganhei: *Servos da Escuridão: Parte 2* — nesse livro é revelado qual foi a bruxa que matou os pais de Rawenna (bruxa boa) —, mas algum maldito me empurrou, pela força achei que era um pugilista, bati a cabeça na parede e fiquei desacordado.

Depois de um tempo, acordei e me levantei, tinha um pouco de sangue escorrendo do meu nariz e orelha, espero que isso não me traga complicações futuras. Fiquei paralisado com o que eu vi ao meu redor, achei que havia caído na toca do coelho atrasado; o tempo estava acontecendo ao contrário.

Do outro lado do corredor da Biblioteca, Kathlyn, uma amiga minha, havia se cortado com um copo de vidro que derrubou. Naquele momento os pedaços de vidro do copo se

juntaram e voltaram para as mãos dela como um copo inteiro, olhei para dentro da Biblioteca — sim, em maiúsculo, eu realmente amo bibliotecas — e vi uma garota chorando, as lágrimas que caíam sobre as páginas do livro que ela estava lendo, voltavam para os olhos dela.

Fechei os olhos, desesperado, e pensei “*Isso não é real, não pode ser real, é impossível de ser real!*”. Abri os olhos e foi como se nada houvesse acontecido, o copo se quebrou, as lágrimas caíram, acho que foi só uma... Ilusão.

Entrei na Biblioteca, encostei-me ao balcão.

— Bom dia. — Tessie, a bibliotecária, disse.

Tessie é uma mulher baixa, magra, de aparência “angelical”, com aquelas bochechas, a covinha e os dentes arredondados. Seus cabelos eram castanhos com mechas loiras. Hoje ela estava com um peacoat, preto e com um detalhe branco de laço, calça jeans e uma sapatilha branca com um laço preto na ponta.

— Bom dia, Tessie. — retribuí com a voz um pouco trêmula por conta do ocorrido.

Olhei para o relógio da Biblioteca que estava na parede atrás de Tessie, eram 10:08 quando tudo ao meu redor começou a vibrar, tremer, como em um terremoto; livros caíam das prateleiras, o ar condicionado caiu da parede, até algumas cadeiras pulavam do chão, mas ninguém aparentava preocupação, nem se mexiam, só me ignoravam.

— Tessie, o que está acontecendo? — gritei, mas ela e todos os outros que estavam lá, a garota chorona e um garoto gordo lendo *A Guerra dos Tronos*, começaram a me olhar como se eu fosse um louco.

Os vidros das janelas racharam. Então o relógio caiu no chão e veio se arrastando na minha direção como se eu

fosse um imã atraindo-o. O relógio começou a ganhar velocidade, eu me joguei no chão com as mãos na cabeça e o relógio bateu com tudo nela, os tremores e vibrações pararam e eu abri os olhos, e... para meu espanto:

— Potenciação, Radiciação e Equações de Segundo Grau, são os assuntos da nossa segunda avaliação parcial de matemática do terceiro ciclo.

“Eu sabia que tudo aquilo acontecendo ao contrário era uma ilusão, eu só estava dormindo na aula!”

Eu estava até feliz com isso, o que eu menos preciso agora é ficar preso em um loop temporal, mas o que eu não entendi foi como eu saberia o que a professora diria no fim da aula... também não quero ser um profeta ou um eleito da vida. Saí da sala, eu resolvi refazer todos os meus passos do sonho, fui a Biblioteca. Ninguém me empurrou, felizmente.

— Bom dia. — Tessie disse, no mesmo lugar e com a mesma roupa do sonho.

Ainda seguindo os passos do sonho, respondi: — Bom dia, Tessie. — olhei para o relógio na parede, eram 10:03, então olhei de volta para Tessie. — Tessie, você viu o novo livro de *Servos da Escuridão*?

— Sim, é o livro mais estranho que eu já li, quando Rawenna é invocada pela Bruxa do Norte...

— NÃO! Se você me contar esse spoiler eu nunca mais falo com você... E não leio mais nenhum livro.

— Isso não! E não se preocupe — Tessie sorriu — eu não sou esse tipo de gente.

Por causa do sorriso dela — além de perceber o batom vermelho-vinho dela — comecei a rir, ela também.

— Eu trouxe o livro hoje. — eu disse e pus o livro sobre o balcão. Eu nem tinha percebido que o havia levado.

Assim que viu o livro, Tessie arregalou os olhos.

— Que invejinha de você. — ela ergueu o livro. — A edição de colecionador, capa dura e páginas amareladas.

— Presente dos meus pais — por eu ter ganhado a última Olimpíada de Matemática do colégio, há duas semanas.

Tessie olhou para algo atrás de mim.

— Aquela garota está chorando?

— Sim.

— Tenho dois palpites; está chorando por causa da morte de algum personagem ou já chegou à fase da TPM, essas garotas de hoje tem a menarca muito cedo.

Senti o meu rosto ficar quente.

— O que foi? — Tessie perguntou, dando risada do meu rosto corado.

— É um pouco constrangedor. Eu já a vi, nova aluna da turma E.

— Como assim? Ainda não me acostumei com a separação de alunos desse colégio.

— Cada série é dividida por cinco ou seis turmas. Eu sou da turma A, por causa do número da minha matrícula. Cada turma aceita no máximo 32 alunos. É fácil.

— Você sabe mais que uma funcionária do colégio — Tessie passou a mão na minha bochecha esquerda, em um gesto de carinho. —, você é o menino mais inteligente que eu conheço.

— Eu, inteligente? Nem passo perto.

— Você é bom aluno, mas cada um se engana como quer.

Fiz uma careta de discordância.

— Seu boletim parece um jardim, de tanta nota verde.

Acho que meu rosto mais ficou corado nesse momento, senti aquela vergonha de quando você é elogiado.

O menino que estava lendo *A Guerra dos Tronos*, Terry, se levantou e veio na direção do balcão.

— Enquanto eu falo com o Terry, você poderia ir conversar com aquela menina. — Tessie apontou para ela e eu afirmei com a cabeça.

Terry era um menino solitário, estudava comigo no ano passado, ele teve que mudar de classe por sofrer bullying por causa do seu peso excessivo de um menino chamado Leonard, um valentão. Existem outros “motivos”, mas não me aprofundei demais na vida dele.

Aproximei-me da menina, ela debulhava-se em lágrimas.

— Alicy? — ela olhou para mim e eu perguntei. — Esse é seu nome, não é? Posso me sentar aqui com você?

Ela balançou a cabeça, afirmando, e se voltou para o livro que estava lendo.

— O... O que aconteceu para você estar chorando desse jeito?

— Alvo morreu. — ela disse, voltando a chorar.

— Quem é Alvo?

— Alvo Dumbledore... Harry Potter e o Enigma do Príncipe.

Que pergunta imbecil a que eu fiz. Sou uma vergonha para a Sociedade Potterhead. Que tipo de pessoa pergunta “quem é Alvo”?

— Já chorei tanto por causa dessa assassina.

— Mas quem matou foi...

— Me refiro a autora do livro... Cuidado, *Relíquias da Morte* é um lugar sombrio, um verdadeiro massacre.

Alicy abriu um leve sorriso.

— Vou lhe arranjar um chocolate, para você ficar melhor. — chocolate sempre faz bem... mesmo que tampe as veias do coração (mamãe que me diz isso).

Levantei-me e voltei ao balcão.

— E então? — Tessie perguntou, com um pirulito na boca.

— Palpite um. — só de lembrar o que Tessie disse, minhas bochechas ficaram coradas de novo. — Tessie, eu sei que sua bolsa parece mais uma Loja de Doces, será que você poderia me dar um de seus chocolates?

— Claro.

Olhei para o relógio na parede. 10:08, como no sonho. Eu saí da Biblioteca, olhei para Tessie e apontei para Alicy, depois olhei para o outro lado do corredor e vi a Kathlyn.

— Ai! — Kathlyn gemeu de dor, só que com mais emoção e dor do que eu descrevi.

— O colégio agora disponibiliza copos de vidro? — perguntei.

— Ah, como é bom ter você como amigo... — ela se levantou. — sempre por perto.

— Vamos.

— Enfermaria? Você quer me matar do coração?

— Não, por quê? — perguntei em um tom assustado.

— Aquele enfermeiro ruivo, gatinho, faz meu coração palpitar.

Pus minha mão nas costas dela, para conduzi-la até a enfermaria.

— Você gosta do enfermeiro?

— Meu sonho é beijar ele, mas ele perderia o emprego e seria acusado de pedofilia.

— É melhor você não tentar fazer nada. — brinquei.
Ela riu.

Quando chegamos à enfermaria, uma... enfermeira mesmo atendeu a gente.

— Menina! — a Enfermeira disse, espantada. — Como você conseguiu se machucar desse jeito?

— Eu quebrei um copo de vidro.

— E onde esse menino estava quando isso aconteceu? — ela apontou para mim — Talvez pela demora dele, você tenha pego uma infecção. Onde você arranjou esse copo?

— Eu... eu trouxe de casa, desculpe-me. Foi para uma atividade de química...

Mentira, não houve nenhuma atividade de química... nem teve aula de química hoje.

— Vamos, vou tirar esses pedaços de vidro da sua mão. — a Enfermeira se virou para mim — Faça alguma coisa útil, garoto, vá até a sala de remédios e... — ela escreveu algo em um papel e me entregou — traga esses remédios.

A Enfermeira levou Kathlyn até a sala dela e eu fui pegar os remédios. Na porta da sala de remédios, uma placa:

Antes de entrar, use o álcool em gel.

Passei o álcool, que estava em um potinho verde de cerâmica embaixo da placa e entrei.

— Olá. — um homem ruivo, forte, de pele quase que extremamente branca, disse. Ele também era cheio de sardas no rosto.

— Oi, eu vim pegar alguns remédios que a Enfermeira pediu. — eu disse, um pouco constrangido só de lembrar o que Kathlyn disse sobre ele.

— Você tem medo dela? A enfermeira Chateaubriand às vezes me assusta, aquela cara ossuda e branquela. — “branquela”, será que ele se olha no espelho? Ele continuou olhando para mim, esperando algo, acho que uma risada. — Bem, ok, me dê a lista.

Eu estendi a lista para ele, envergonhado por não ter rido. Ele a pegou e ficou olhando para uma prateleira de vidro cheia de frascos e caixas de comprimidos que ficava ao lado da cadeira onde ele estava sentado, até o momento em que eu fechei a porta da sala e ele se assustou com o barulho.

Ele é um homem bem estranho. James Maddox; trabalha aqui há dois anos. Maddox... Jesus! É o sobrenome do Charles Mason. Parece que ele gosta da Tessie, mas existe um boato de que ele tinha um caso com o ex-professor de educação física, que foi demitido depois que a história circulou pelo colégio. Só espero que esse enfermeiro não seja um assassino em série, Tessie é uma boa pessoa...

James abriu a prateleira, pegou os remédios e me entregou em um nécessaire transparente.

Eu saí de lá, meio que ignorando o tchauzinho animado que ele estava me dando, e a Kathlyn já estava na sala de espera.

— Você passa isso quando chegar em casa, qualquer um. Depois devolva minha bolsinha! Agora vocês dois, saiam daqui. — James tinha razão sobre ela.

O intervalo tocou.

— Obrigada. — Kathlyn disse a mim, enquanto me abraçava.

Passei na Biblioteca para pegar meu livro e fui para a sala de aula.

Como um mestre para mim

Ainda naquele dia 14:18

A Kathlyn ficou bem.

Hoje, quando eu saí do colégio, um homem me parou na rua, na verdade foi em um beco que eu costumava pegar para ir para casa... bem que minha avó avisava “O velho do saco vai te pegar!”.

Ele estava com uma túnica preta de capuz, que cobria maior parte do seu rosto, a única parte visível era a da boca... e pelo o que vi, ele tinha o rosto bem enrugado. Ele andava um pouco curvado para frente, com a capa arrastando no chão molhado pela chuva de mais cedo e era mais baixo que eu. Para falar a verdade, nessa minha idade quase todo mundo é mais baixo que eu.

— Menino, não fique com medo. — ATA, isso só me deixou com mais medo. Ele tirou minha mochila das minhas costas e pôs no chão (me dando um motivo para odiá-lo).

— O que você quer? Eu não tenho celular. — menti, ele estava no meu bolso.

— Que incomum. Eu não vou assalta-lo. Quero lhe falar sobre o que aconteceu hoje.

— A alucinação? Eu só bati a cabeça... como o senhor sabe disso?

— Não foi uma alucinação. — ele pôs a mão dentro de um bolso escondido na túnica e puxou algo, um relógio de bolso prateado, no estilo *steampunk*. Ele abriu o relógio, na frente havia gravada a imagem de uma coruja com rubi no lugar dos olhos. — Pegue, ela é sua.

Deve ser analfabeto; ‘relógio’ é um substantivo masculino, o certo seria “pegue, ele é seu”, todo mundo sabe disso. Tenho que parar de corrigir as pessoas, e se um assaltante burro e armado ficar com raiva de mim?

— Fui educado pelos meus pai a não aceitar coisas de estranhos.

Ele puxou minha mão e colocou o relógio nela, então percebi que o relógio estava parado.

— Para que eu vou querer um relógio parado?

— Garoto, preste atenção! Você não é louco, você pode voltar no tempo.

Senti um vento frio na nuca, isso não pode ser real, por isso viagem no tempo é uma área da ficção... Por que não existe.

— O quê? Você é louco, viagem no tempo é fisicamente impossível... Nos dias de hoje. Bem, talvez eu tenha entrado em um buraco de minhoca, o que é bem improvável de ter acontecido, mas...

— Esse é um poder hereditário.

Eu ainda estava sem acreditar no que ele estava falando.

— Meu pai ou minha mãe também têm esse poder?

— Infelizmente não, durante anos sua família não apresenta tal habilidade magnífica... Esperei tanto ver novamente um Heathcliffe viajante do tempo.

— Novamente?

— Longa história.

— Você é louco. — eu já estava começando a tremer, se esse velho começasse a gritar ou um surto louco aqui, o que eu faria?

— Eu? — ele perguntou com a voz rouca, a mesma voz que continuou toda a conversa.

— Claro. — eu disse, enquanto, involuntariamente, guardei o relógio que ele me deu no bolso da minha calça.

— Eu sei, mas tudo o que eu te disse é real.

— Prove.

Ele segurou meus braços e... o tempo parou. Os pingos da chuvisca que caía, pararam no ar, um parou. Quando ele percebeu que eu estava realmente assustado, me soltou e o tempo voltou ao normal.

— Quem é você? — perguntei.

— Oh céus, quase me esqueci do mais importante. — ele se afastou de mim e estendeu a mão para me cumprimentar. — Prazer, sou Pierre, basicamente sou seu guia até você conseguir controlar o básico do seu poder, se você não o quiser... Nós o tiramos de você.

— Nós? Existem mais?

— Um Congresso inteiro.

— E como vocês pretendem tirar esse poder, isso é possível?

— Você ainda tem alguma dúvida de coisas possíveis? Isso é bem chato.

— Claro que tenho.

— O quê? — ele pôs as mãos na cintura, ou nas costas, não lembro bem.

— Magia.

— Que idiotice, claro que magia não existe.

— E o que faz vocês voltarem no tempo?

— Nossa excepcional genética... e um pouco de mana.

— E o que é isso?

— Nossa fonte de poder. Infintio.

— É como a Força?

— Quase isso. Chamamos de *Feorh*

— E o que vocês querem de mim?

— Queremos que você aprenda a controlar seus poderes e se alie a nós.

— Eu sou um aluno exemplar, tenho uma prova marcada para não muitos dias daqui, tenho que estudar e não tenho tempo para isso.

— Por favor, me diga que isso foi sarcasmo, garoto. Você pode voltar no tempo! Aliás, onde ter poderes afeta no seu desempenho na vida.

— Está bem. Mas eu vou só experimentar, se eu gostar eu continuo com ele, mas se não... pode tira-lo de mim. Vocês podem fazer isso, não?

— Podemos, mas tenho certeza que você não vai querer que eu tire, saiba: é dolorosamente horrível. Nosso treinamento começa a partir de amanhã, pela tarde.

Virei-me e peguei minha mochila do chão.

— Onde vai ser o treinamento? — perguntei, mas ele já tinha sumido entre os carros da rua principal.

Bem, eu segui meu caminho para casa e agora a pouco eu vim para a casa da Ana. Ela está doente, parece dengue — algo bem raro aqui em Elderwood —. De alguma forma realmente estranha, triste e macabra, os pais dela não estavam lá... Na verdade, eu nunca vi os pais dela; eles sempre estão viajando ou trabalhando, sempre deixando a filha sozinha com a empregada, a Agatha.

— Boa tarde, Agatha. — falei assim que cheguei.

— Boa tarde, você não sabe como sua presença aqui é boa. Ana parece muito triste, talvez porque durante todo esse tempo que passou enferma ninguém veio visita-la.

— Ela está no quarto?

— Sim. Entre, pode subir.

Agatha é uma mulher de aproximadamente 28 anos, ela veio da Lituânia há quatro anos. Tem os cabelos loiros sempre presos em um coque e olhos cor-de-vinho — por causa de um acidente de carro que sofreu quando era ainda pequena. Ela adorava contar a história desse acidente quando começou a trabalhar para os Venes.

— Ana? — perguntei ao entrar em seu quarto.

— Pode entrar. — ela disse com a voz rouca e logo depois tossiu... acho que pigarreou mesmo.

Imediatamente eu pus uma máscara descartável — que eu trouxe de casa para evitar ficar doente — no rosto e Ana abriu um sorriso.

— Ele passou isso para você? — Ana perguntou, se referindo ao Charlie, que por certo tempo (final do ano passado e início desse ano) era a esterilização em forma humana. Charlie usava luvas e máscaras descartáveis, antes de tocar em qualquer coisa passava um pano úmido com álcool em gel e antes de se sentar em qualquer lugar que fosse, colocava uma toalhinha de papel... bem Emma Pillsbury da vida, por causa da “epidemia” de gripe que estava se espalhando pelo país.

— Espero que não. Você sente muita dor?

— Pelo corpo inteiro, nem de pé eu consigo ficar.

— Coitadinha da minha menina de açúcar.

Ela riu, tirei minha máscara e ri também. Percebi que ela estava assistindo algo pela televisão.

- Ana, o que você estava assistindo?
— Você não iria querer assistir comigo.
Aproximei-me da cama dela.
— Quem disse?
— Tá, mas primeiro, tire sua mochila. Você tem que parar de ficar grudado nela.
— Eu esqueço! *Sucker Punch*?
— Eu amo esse filme.
— Estou incrédulo. Eu achava que era único no mundo. — Ana riu.
— Vem, senta aqui. — ela chegou para o lado, eu me sentei e ela apertou o play.

Ana é uma das poucas pessoas que eu realmente posso me abrir, ela foi a primeira pessoa a quem eu contei que gostava de Clarie... bem, isso foi um bom tempo depois de eu realmente saber que gostava dela. Também tenho muita vergonha de “chamar atenção”: uma vez uma menina conversou comigo pela língua de sinais porque achou que eu era mudo, a garota era a Clarie. Foi só com Ana que eu tive mais abertura para falar da minha vida... se minha mãe ler isso, vai me matar pelo quanto ela gastou com o psicólogo para eu não falar nada.

Ana é até um pouco parecida com Clarie, ela tem os cabelos negros e curtos, batem nos ombros, mesmo assim ela sempre os prende em um coque como o de Agatha. Os olhos dela são castanhos e verdes, tem heterocromia. Fico imaginando que Clarie seria perfeita se tivesse estes olhos...

Ela é como Tessie para mim, uma grande amiga, mas as duas não se dão muito bem. Ana já levou até uma advertência escrita por desrespeitar a Tessie, que é

funcionária do colégio. Assim que entrei no colégio, já no primeiro dia, conheci Tessie... encantei-me porque ela era diferente, de cabelos lilás. Ela era o creme no topo, não o leite como qualquer outro, ela era diferente dessas garotas perfeitinhas que existem nessa cidade — todas perfeitas, ricas e com namorados *Brad Pitt* da vida... acabei de descrever minha irmã, exceto pela parte do dinheiro.

Como eu conheci a Clarie? Foi algo bem constrangedor... tipo: primeira ereção. Ela já chegou me fazendo cócegas e começou a fazer uns sinais com a mão. Graças a Deus ela não viu o que eu estava sentindo. Clarie para mim é mais do que apenas uma amiga, meu primeiro beijo foi com ela, no começo foi só *verdade ou desafio*, mas eu acabei me apaixonando por ela... ela é tão linda, com aquela pele alva e macia, com os cabelos longos e castanhos, aquelas sardas no rosto... só de lembrar dos lábios macios e do hálito com cheiro de cerejas.

Quando ela passa e o cheiro de morango dela sobe, eu só consigo — disfarçadamente — aspirar e sonhar. Clarie também é diferente e original, usa calças jeans coloridas, mesmo que as normas do colégio não permitam, mas nunca foi advertida por isso.

Novamente, seus lábios são sempre bem rosados e o rosto dela fica corado facilmente, o que acho ser seu charme. Mas ela me vê apenas “como um bom amigo”, o que é péssimo para tentar constituir uma família. Já nos conhecíamos desde minha antiga escola, mas foi quando entrei para a Fundamento Nobre que realmente viramos amigos.

Há alguns anos, em uma festa de aniversário dela, eu tinha ido de peixe, mas quando ela me perguntou de que eu

tinha ido, talvez esperando que eu respondesse Nemo ou Dory, pelo nervosismo, eu disse que eu era um passarinho... desde então ela me chama assim. É constrangedor às vezes... mas ela é Clarie Grey, a única mulher, depois de minha mãe, que me faz tremer.

Ana e eu assistimos *Sucker Punch* e como sempre eu não entendi muito bem, até hoje eu não sei se ela é louca ou tudo era real. Terminamos o filme, me despedi e voltei para casa. Será que eu esqueci de fazer alguma atividade?

Mais tarde, logo depois do crepúsculo, olhei pela janela do meu quarto, que dá de frente para a rua atrás da minha casa, e vi uma pessoa me observando. Vigiando a casa. A pessoa estava usando um casaco, chapéu, botas de salto e luvas pretas. Virei-me para pegar meu binóculo, para ver melhor, mas quando voltei para a janela a pessoa já tinha sumido. Pensei ser o velho que me abordou hoje.

Aproveitei que estava lá, com o binóculo, e fiquei observando o anoitecer e a vizinhança entrando para suas casas quentes e confortáveis, vi a rua de trás ficar iluminada apenas pelos postes e luzes das casas... foi confortante, de algum jeito.

— O jantar está pronto! — minha mãe gritou.

— Eu já vou mãe! — gritei.

Minha irmã gritou algo que eu não entendi. Guardei o binóculo e desci.

Mesmo sabendo que esses poderes de voltar no tempo são verdadeiros, às vezes penso que estou ficando louco. Isso já se passou na minha cabeça tantas vezes que vou acabar

acreditando. E se imaginei Sr. Pierre e tudo o que aconteceu hoje?

Eu sou Lily Collins

09/26/2013 08:27

Desde ontem, quando acordei da pancada na cabeça, cujo causador ainda não me preocupei em achar, sinto muita dor nos olhos... será que eu vou ficar cego, como diz algumas fanfics sobre viagem no tempo? Enfim, quando eu estava vindo para o colégio tive a sensação de estar sendo seguido, observado. Mas eu olhava para trás, para o outro lado da calçada e não via ninguém. Então... quando eu estava perto do colégio, a pessoa vacilou e deixou ser vista por mim, era a mesma que vi ontem.

Hoje, logo na primeira aula, recebemos a notícia de um trabalho em grupo.

Proposta: Encenar o julgamento de algum personagem de livro, filme, etc.

A notícia ruim: O meu grupo tem como integrantes Charlie, Harry, Katie, Jessie... Leonard e uma garota chamada Rachel.

Charlie e Jessie, juntos com o Leonard... Tenho péssimas expectativas com esse trabalho. Para quem não sabe, eu vou resumir: Charlie gostava de Leonard, mas ele contou para todo mundo da escola, atualmente ele gosta da Jessie, que já gostou dele, mas depois do que ele fez ao Charlie, ela acordou, em suas palavras, se pudesse colocar seu arrependimento em uma garrafa, seria uma de vinte litros.

Cabelos castanhos como os olhos, é um dos melhores atletas do Colégio Fundamento Nobre, faz parte de vários times e equipes: Leonard apelidava Charlie de “*garotinha*”, “*porcelana*”, “*garoto homossexualmente afetado*”... coisas

desse nível. Só para entender o quanto Charlie sofria, ele perdeu de ano e precisou trocar de turma.

Conheci Charlie no intervalo, na cantina, ele aparentemente estava fugindo de alguém, então me encontrou: derrubou meus bolinhos no chão e depois ficou insistindo para pagar outro lanche. Sempre com um sorriso no rosto... nem parecia que escondia tanta tristeza.

15:50

Com esse trabalho de Literatura e a visita que nossa turma fez ao Laboratório de Informática para uma pesquisa sobre Álgebra, acabei por me esquecer de ir até a Biblioteca.

Mas bem, tenho algo mais recente para contar:

Hoje á tarde, umas 14:30, eu estava sozinho em casa, então alguém bateu na porta.

— Oi, sou Lily. Lily Collins. — era a pessoa misteriosa que me observava. Era uma garota de aproximadamente 16 anos. Ela tirou o chapéu e o casaco. — Eu soube do seu... eu... eu fiquei sabendo que você tem...

— Mais tempo que as outras pessoas. — soltei a frase mais genérica que me apareceu.

Lily ficou corada.

— Isso. Eu queria conversar com você...

— Vem. Entra. — ótimo motivo para minha mãe me matar. Eu sabia que não deveria deixar um estranho entrar na minha casa, mas essa garota me passava uma sensação tão forte de segurança.

Ela entrou e se sentou com delicadeza no sofá e pôs uma mecha solta do seu cabelo loiro para trás da orelha.

— Como... como você descobriu seu poder?

Assim que ela perguntou eu sentei no sofá também, ao lado dela.

— Eu não sei, eu... eu bati minha cabeça e só... voltei no tempo. — sorri, mas ela parecia focada na história — No começo eu achei que eu tinha dormido na sala de aula, mas essa teoria foi perdendo cada vez mais a lógica.

— E quando foi isso?

— Ontem, no colégio.

— Até agora, mais alguém sabe?

— Além do Sr. Pierre?

Lily pareceu pensar um pouco e continuou.

— Sim, você contou para mais alguém além dele?

— Não.

— Por falar nele, como você o conheceu.

— Foi uma aproximação forçada. Ele apareceu para mim e eu fiquei meio que incrédulo. Eu comecei a acreditar que tinha enlouquecido ou que simplesmente tinha caído em algum buraco de minhoca que se abriu perto de mim, não sei. Mas quando ele me segurou e parou o tempo... eu continuei incrédulo.

Ela riu.

— Sério, Lily. Como de um dia para outro uma ficção científica se torna realidade? O sonho da minha vida era ter um DeLorean.

— Na minha primeira vez foi mais bizarro.

Com certeza eu fiquei corado, senti as bochechas esquentarem.

— Que mente pervertida. — ela disse me dando uma tapa no braço. — Eu dizia sobre a minha primeira viagem no tempo.

Dessa vez, gelei de vergonha. Então ela continuou.